Beira Baixa

Vale de Prazeres
Capinha
Pêro Viseu
Alcaria

Catarina Real
Guga Liuzzi
Joana Valadão
Mariana S. Duarte

Beira Baixa

Vale de Prazeres
Capinha
Pêro Viseu
Alcaria

Catarina Real
Guga Liuzzi
Joana Valadão
Mariana S. Duarte

Beira Baixa

Vale de Prazeres 18
Capinha 20
Pêro Viseu 24
Alcaria 28

Catarina Real
Guga Liuzzi
Joana Valadão
Mariana S. Duarte

Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação edp e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação edp é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação edp para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade. Um programa que concilia as duas principais áreas de intervenção da fundação edp – inovação social e cultura –, mobilizando artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resulta num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras "bonitas" e "boas para a terra", como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação edp.

O Arte Pública fundação edp introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação edp que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da e-redes, empresa parceira da fundação edp neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições da terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das "obras-que-iriam-ser" que foram depois apresentadas à população.

PP 4 e 5: Alcaria, durante execução da obra *Sem Título* de Mariana Duarte Santos, 2021. Fotografia: Murilo Santos. — P 7: *S/ Título* (execução), Mariana Duarte Santos, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Tiago Moura.

Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação edp é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Trás-os-Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Beira Baixa

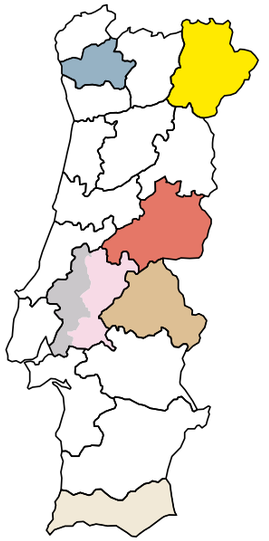
Vale de Prazeres
Capinha
Pêro Viseu
Alcaria

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela



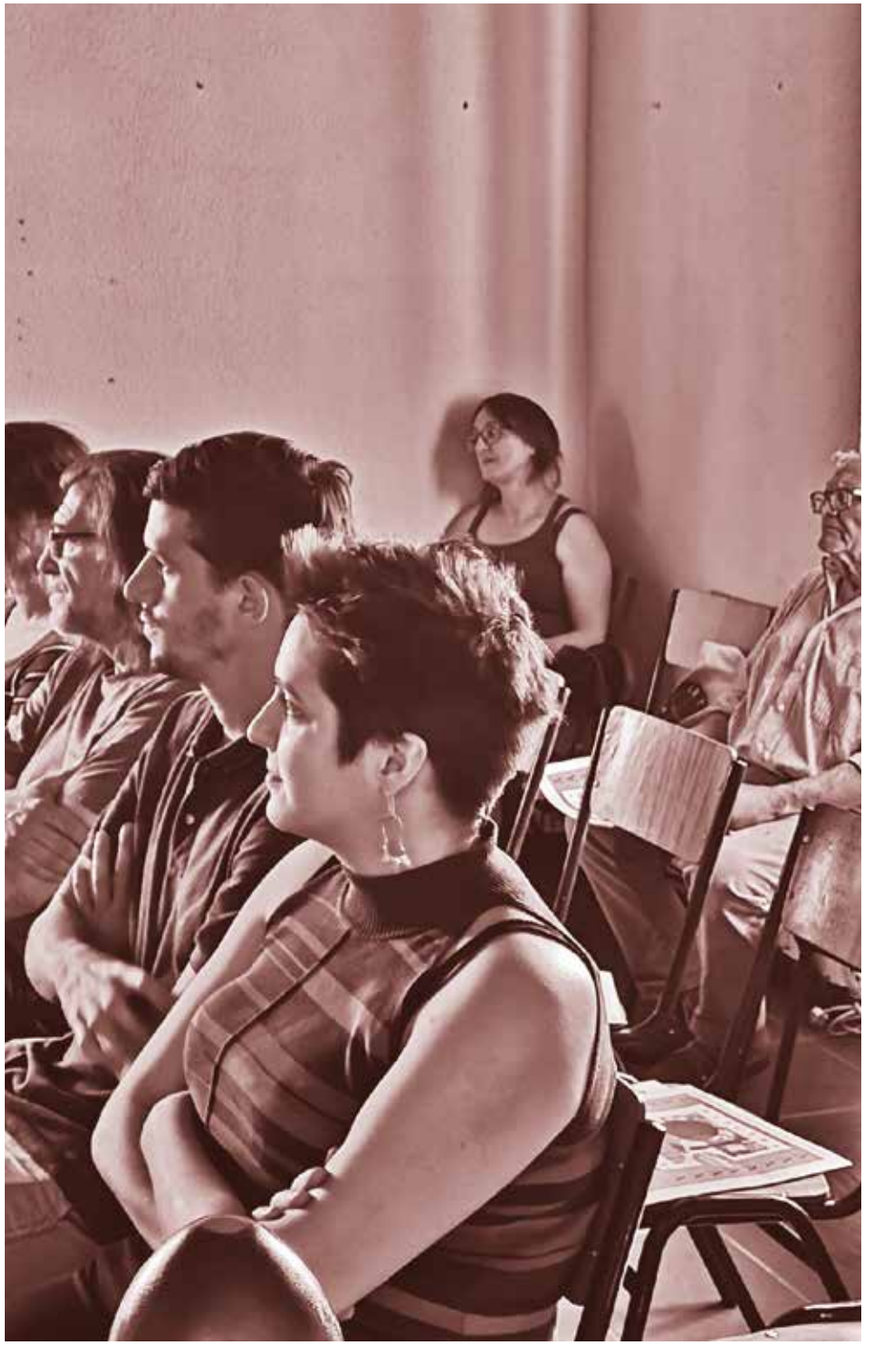
Médio Tejo

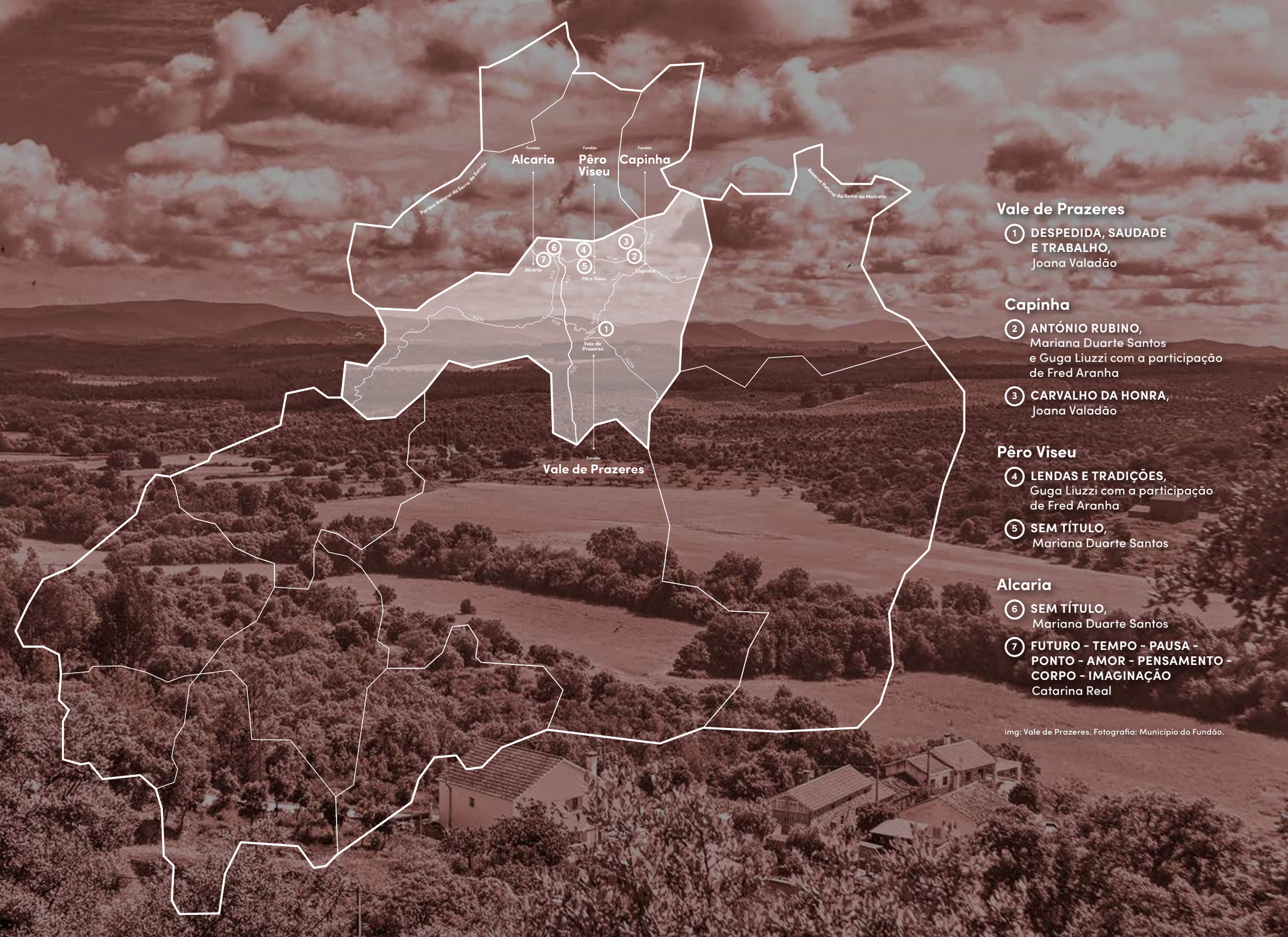
Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

P 9: Assembleia, Capinha. Fotografia: Produções Fixe. — PP 10 e 11: *S/ Título* (execução), Mariana Duarte, Alcaria. Fotografia: Murilo Santos.





Vale de Prazeres

1 **DESPEDIDA, SAUDADE E TRABALHO,**
Joana Valadão

Capinha

2 **ANTÓNIO RUBINO,**
Mariana Duarte Santos e Guga Liuzzi com a participação de Fred Aranha

3 **CARVALHO DA HONRA,**
Joana Valadão

Pêro Viseu

4 **LENDAS E TRADIÇÕES,**
Guga Liuzzi com a participação de Fred Aranha

5 **SEM TÍTULO,**
Mariana Duarte Santos

Alcaria

6 **SEM TÍTULO,**
Mariana Duarte Santos

7 **FUTURO - TEMPO - PAUSA - PONTO - AMOR - PENSAMENTO - CORPO - IMAGINAÇÃO**
Catarina Real

img: Vale de Prazeres. Fotografia: Município do Fundão.

Beira Baixa

FUND'ARTE
Aldeias Criativas

Parceiros:
Produções Fixe Lda.
facebook.com/ProducoesFixe
Município do Fundão
facebook.com/MunicipiodoFundao

Vale de Prazeres.
Fotografia: Município do Fundão.

À saída rumo à Covilhã, com o recorte da serra da Estrela, imponente, como fundo, há uma das estradas mais interessantes do Fundão. O sentido inverso pode obviamente fazer-se também, mas aí já não nos deparamos com a majestade da serra. Esta estrada é a Nacional 18 e tem troços em reta, ladeados quer por zonas áridas, vastas, cheias de vazio a lembrar as paisagens

Despedida... (execução).
J. Valadão, Vale de Prazeres, 2019.
Fotografia: Miguel Proença.

norte-americanas que nada mais têm que a imensidão, quer por apontamentos de casas e povoações, que são condignas das paragens de uma viagem de carro para mais tarde recordar.

Assembleia, Vale de Prazeres.
Fotografia: Produções Fixe.

A compor o cenário existem as palmeiras, fileiras e fileiras de palmeiras ao longo de algumas partes da estrada. Há até grandes armazéns de venda ao público. E um hotel, cujo requinte rococó poderia rematar esta *American Road Trip* dos Pequeninos.

Na cidade, o Fundão, há uma artéria bem larga que define a centralidade deste povoado. Começa como a Rua dos Três Lagares e logo se estende e passa a chamar-se Avenida da Liberdade.

Assembleia, Vale de Prazeres.
Fotografia: Produções Fixe.

Inclinada e desenhada a fazer uma curva ampla, aqui tocam-se o antigo e o novo, nas suas várias atualizações ao longo das décadas: temos a gare dos autocarros em

Assembleia, Vale de Prazeres.
Fotografia: Produções Fixe.

estilo modernista, datada dos anos 30; temos edifícios habitacionais de traça arquitetónica dos anos 80, outros já datados do novo milénio; a recuperação do cine-teatro da Gardunha que inaugurou inicialmente em 1958; o edifício da Câmara Municipal, que tira topograficamente proveito de uma plataforma de terreno elevada. A parte virada para a avenida corresponderá à traseira do edifício, uma vez que a entrada principal se encontra no lado oposto, presenteado com

Barragem da Capinha.
Fotografia: Município do Fundão.

uma praça e um jardim, que já aderiu a novas tecnologias como a da possibilidade de carregar o telemóvel graças a painéis solares.

"Estamos a falar de uma tendência que existe a nível mundial. Eu conheço muitas cidades do mundo onde esta tendência é um fator de atração turística", refere Luís Miguel Gavinhos, vice-presidente da Câmara

Municipal do Fundão, relativamente à importância e implementação do conceito de arte pública no concelho. "O Arte Pública - Fundação EDP trouxe uma dimensão nova ao concelho do Fundão, apesar de já termos cinco espaços de arte urbana implementados na cidade – não só."

Luís Miguel Gavinhos destaca uma segunda vertente da arte pública: não apenas a de uma tendência artística que

Assembleia, Capinha.
Fotografia: Produções Fixe.

permite a requalificação dos espaços urbanos mas também lhe vê, acoplado, um enorme potencial turístico. "Este projecto permitiu colocar um conjunto de aldeias e espaços mais rurais dentro de um roteiro que é crucial para fazer a valorização desses mesmos espaços", defende. "É um ativo que foi criado e que permite valorizar as aldeias, que tinham espaços por requalificar. Olhando para os postos de transformação, que eram iguais

Pêro Viseu. Fotografia:
Município do Fundão.

a muitos outros em todo o país, passaram a ser únicos."

Quanto ao impacto desta iniciativa, o representante do município considera-o "absoluto". "É impossível ficar-se

Capela do Espírito Santo, Pêro Viseu.
Fotografia: Município do Fundão.

indiferente a uma nova expressão plástica que existe nestas aldeias", considera Gavinhos. "É evidente que estamos a falar de um projecto que teve o seu desenvolvimento integral num período de pandemia. Ou seja, estamos a falar de um projecto que demorou dois anos", diz, referindo-se à pandemia da COVID-19, que em 2020 e 2021 assolou o mundo. "Mas queria antes sublinhar a dimensão de inovação do projecto. Veio trazer a criatividade de jovens, que não são apenas do nosso país, que tem uma particularidade: a forma como permitiu envolver sempre as comunidades locais."

A avenida desemboca numa pequena rotunda.

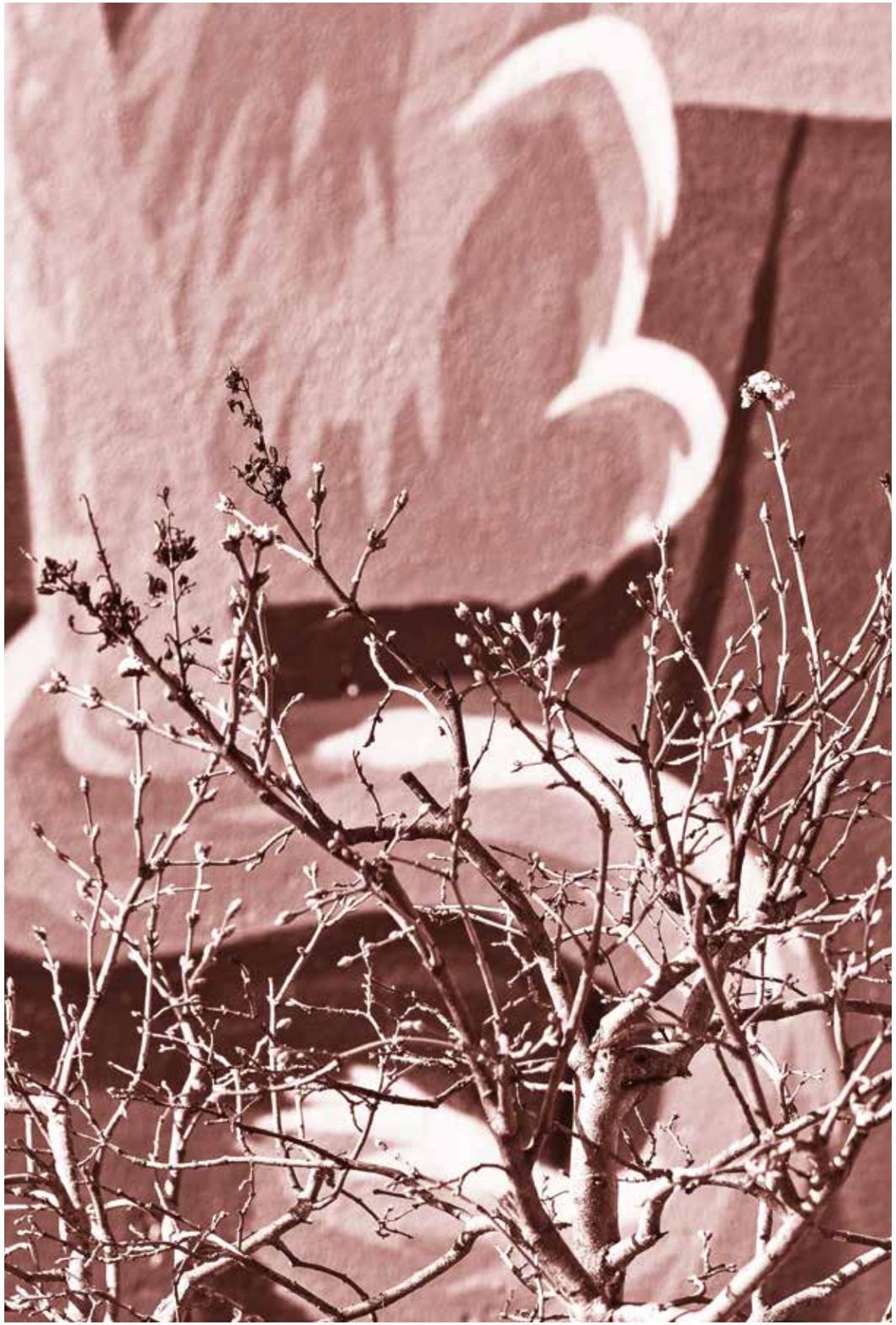
Assembleia, Pêro Viseu.
Fotografia: Produções Fixe.

Assembleia, Alcaria.
Fotografia: Produções Fixe.

À direita vai dar-se à estação de comboios; para a esquerda e quase de frente deparamo-nos com um edifício imponente e contemporâneo. Trata-se de uma antiga moagem que se transformou num centro multidisciplinar de artes, intitulado 'A Moagem Cidade do Engenho e das Artes'. O edifício foi inaugurado em dezembro de 2006 e abriu portas com duas exposições: "Ponto de Fuga", do Museu de Serralves, e "50 anos da Fundação Calouste Gulbenkian".

Assembleia, Alcaria.
Fotografia: Produções Fixe.

"Nas assembleias realizadas, as pessoas sugeriam elementos particulares das suas aldeias, como o transporte em burro, por exemplo", concretiza Luís Miguel Gavinhos relativamente às sessões de *brainstorming* que os artistas tiveram juntamente com as comunidades locais para chegarem a temas sobre que pintar. E são nestas pontes entre tradições,



Lendas e Tradições (detalhe), Guga Liuzzi e Fred Aranha, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Miguel Proença.

S/ Título (execução), Mariana Duarte Santos, Alcaria, 2021. Fotografia: Murilo Santos.

cultura e turismo que o município está apostado. "Procuramos afirmar-nos muito como destino turístico onde é possível fazer passeios de balão

de ar quente, andar de bicicleta pelos pomares, apanhar o fruto, andar de tuk tuk, ouvir música clássica, apadrinhar uma cerejeira para o resto da vida...", elenca o vice-presidente da Câmara do Fundão. "Trata-se de uma dimensão turística que tentamos afirmar a partir dessa grande marca da cereja do Fundão mas que depois tem um conjunto de programação cultural profundamente diferenciadora da maior parte dos municípios da nossa região – e até diria do país."

O festival dos míscaros em Alcaide, diz este dirigente, traz cerca de 20 000 visitantes ao concelho e a aldeia tem no coração um mural artístico. "Temos também festivais como o dos chocalhos, que nasceram de práticas ancestrais, da transumância dos pastoreios que se faziam nesta região, entre a serra da Gardunha, a serra da Serra e também zonas transfronteiriças com Espanha", contextualiza Gavinhos. "O Festival dos Míscaros é também muito popular, que combina gastronomia com artes e espetáculos. Traz cerca de 50 000 visitantes durante um fim-de-semana."

S/ Título (execução), Mariana Duarte Santos, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Tiago Moura.

O concelho tem também um parque-aventura, o Parque do Convento, em plena serra da Gardunha, onde é possível fazer arborismo, pedalar em circuitos de BTT, andar de bicicleta de montanha, de bicicleta elétrica, de *segway,* usufruir dos espaços para merendas e piqueniques.

Lendas e Tradições (execução), G. Liuzzi e F. Aranha, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Miguel Proença.

Catarina Real (1992)

Com um foco multidisciplinar, o seu trabalho reúne prática e teoria, e está intrinsecamente relacionado com projetos coletivos, afetivos e colaborativos. Do seu percurso, assinala as colaborações com David Silva Revés, em residência na Thirdbase - Lisboa (2020-2021), com o projecto *Exposição Concentrados, Exposições Partilhadas* e *Exposições Endereçadas;* o livro *Círculo* lançado pelas Edições da Ruína (2021); a colaboração-satélite *olhar todos os dias a mesma parede* para o projecto Paralaxe e o *Caderno de Exercícios* para o projecto (RE=)Iniciação do Ballet Contemporâneo do Norte.

Guga Liuzzi (1984)

Guga Luizzi é um artista plástico do Rio de Janeiro, Brasil, que mora em Lisboa há alguns anos. Pinta murais há mais de 20 anos. Já participou em várias exposições coletivas e uma individual.

Joana Valadão (1989)

Designer açoreana, reside no Porto desde 2008, onde se licenciou em Design de Comunicação na FBAUP. Na mesma instituição, fez o Mestrado em Design de Imagem onde, investigou sobre o estilo gráfico de capas de discos de rock psicadélico português das décadas de 60 e 70. Faz design editorial, design de logotipos, branding e ilustração são as áreas em que o meu trabalho se foca. É também apaixonada por serigrafia e, juntamente com a ilustradora Ana Seixas, são a Lola Silkscreen, uma oficina de serigrafia no Porto onde tudo é produzido artesanal e ecologicamente.

Mariana Duarte Santos (1995)

Nasceu em Lisboa, fez o secundário na Escola Secundária Artística António Arroio e, mais tarde, completou o Curso de Desenho, o Curso Avançado em Artes Plásticas e o Projeto Individual no Ar.Co. Tem participado em várias exposições coletivas e individuais em Portugal, Espanha, Estados Unidos da América, Reino Unido e Irlanda. Tem participado em festivais como o "Conversas na Rua", "Fazunchar", "VIA" e tem murais espalhados por Lisboa, Fundão, Belmonte, Torres Vedras, Praia do Ribatejo, Figueiró dos Vinhos, Coruche, Dublin, Valongo, Luxemburgo, entre outros.

1

Despedida, Saudade e Trabalho

Autoria:
Joana Valadão

"Este edifício é propriedade da junta de freguesia", esclarece José Silva, presidente da União de Freguesias de Vale de Prazeres e Mata da Rainha. "Era uma casa em avançado estado de degradação. Colocava em risco pessoas e carros que passassem na via." A União de Freguesias tratou de derrubar a parte interior da casa, em perigo de ruir, e reforçou a sustentação das paredes. Para José Silva, a obra da artista Joana Valadão nesta ruína veio dar mais vida, "mais movimento", a Vale de Prazeres, até porque fica numa das artérias principais da aldeia.

"A segunda assembleia com os moradores estava cheia", contextualiza José Silva, relativamente às reuniões prévias que a artista teve com os locais. "Na primeira, sugeriram que a ideia para a obra resultasse de elementos identificativos da história da freguesia."

Nesta primeira assembleia, o que chamou mais à atenção de Joana Valadão foi o facto de no passado muitas pessoas saírem de Vale de Prazeres para irem trabalhar nas linhas de caminho de ferro. "O que fiz foi investigar um bocadinho e fazer a minha interpretação do tema", conta Joana Valadão. "Eu vejo a obra a começar da direita para a esquerda: a despedida do casal, depois a despedida dos pais e do filho. Na parede lateral, vemos os trabalhos nas linhas de ferro e esses trabalhos continuam para a frente daquele edifício já destruído – aí seria já a linha de ferro completa." A ideia foi, para esta artista, inscrever o valor do trabalho destas pessoas, que fez a história da aldeia.

Duas empenas e uma ruína, à frente do edifício, obrigaram Joana Valadão a narrativizar esta história por camadas. "O sítio é bastante grande, o que implicava muitas horas de trabalho", explica. "Eu tentei organizar o espaço, como se fosse uma tela, dividindo-o de forma a que a história fosse contada de forma – na minha opinião – mais divertida." Ainda na fase de planeamento já tinha ideia de contar a história por blocos. "É quase como se fossem páginas."

A ruína está pintada de um azul mais escuro. "Numa fase inicial, a ideia era só a ruína sobrepor-se à obra, mas depois apercebi-me de que não fazia sentido", contextualiza Joana Valadão. "O ideal acabou por ser trazer mais valor à obra. Fez sentido começar e acabar a história, começar com a despedida e depois acabar com o produto final, com a estação de comboios e as pessoas à espera."

Há crianças a brincarem na estação de comboios. O *outline* das figuras foi desenhado por Joana Valadão, mas foram os locais que preencheram e assim terminaram de pintar a população que se encontra na estação. "Eram senhores que andavam por ali e ajudaram a pintar. Tenho pena de não saber o nome deles." Sendo a parte final, as pessoas já estavam habituadas a ver a artista por ali com o Guga e a Mariana que apoiaram também na concretização da obra, explica Joana Valadão. "Os locais começaram a querer interagir e era uma parte que já não implicava andaimes." Antes, as pessoas passavam, tiravam fotografias, perguntavam o que era, ficavam um pouco à conversa. "Foi uma sensação boa de comunidade. Se precisássemos de alguma coisa, as pessoas estavam lá."

FREGUESIA:
VALE DE PRAZERES

Localização:
Rua Aurélio Pinto

GPS:
Latitude 40.1110715
Longitude -7.4313487

Despedida, Saudade e Trabalho, Joana Valadão, Vale de Prazeres, 2019. Fotografia: Miguel Proença.

Gostamos da obra que fizeram. A casa estava em degradação. Pelo menos tem outra graça.
Rogério Santos, 73 anos, reformado.

2

António Rubino

Autoria:
Mariana Duarte Santos e Guga Liuzzi. Com a participação de Fred Aranha

"Na altura, pedi às pessoas para partilharem comigo fotos da aldeia", explica Mariana Duarte Santos, referindo-se às assembleias em que se reunia com os populares para, em conjunto, pensarem em temas que poderiam ser interessantes – e pertinentes – retratar nas paredes destas localidades do concelho do Fundão. Em Capinha, mostraram-lhe a foto de um senhor e de um burro.

"Pintei uma foto que era oriunda da aldeia, pertencia a uma das famílias locais", conta Mariana Duarte Santos. "Foi engraçado, porque as pessoas não sabiam quem era o retratado. Quando estava a pintar, ouvi essa discussão: «será que é este? Será que é aquele?» Finalmente perceberam quem era o homem." Veio a saber-se o nome do retratado e, por coincidência, a parede em que a foto estava a ser pintada pertence à casa do filho dele.

Foi um mero acaso, explica Mariana Duarte Santos. "Participei num concurso para fazer parte da equipa artística do Fund'Arte, os locais estavam já definidos previamente", diz. "Havia a opção do posto de transformação (PT) da e-Redes e esta parede. Escolhi esta parede." Até porque a fotografia, sendo enquadrada na posição horizontal, não fazia sentido ser reproduzida nas faces ao alto do PT.

Este foi o primeiro mural que Mariana Duarte Santos pintou para o projecto. Teve por isso a ajuda de Guga Liuzzi desde a concepção e, mais tarde, de Fred Aranha. "A primeira coisa que fizemos foi projetar a metade de cima da fotografia, porque aquilo tem à frente um muro que dá para um vão. Fizemos os contornos a partir da projeção", descreve.

O edifício fica abaixo do nível da estrada, que foi sendo arranjada ao longo dos tempos e foi subindo de nível. Esta parte abaixo do nível da via é tapada por um muro não pode ser sujeita a projeção. "A metade de baixo foi feita a olho, com um extensor. Cada um de nós ficou com um lado. Perto da parede [não há possibilidade de recuo] e a partir do chão, não tínhamos muita perceção. O que fazíamos era: fazíamos um ponto onde achávamos que a linha ia passar, subíamos à estrada, víamos se batia bem. Se não batia bem, punhamos outro ponto. Se batia bem, fazíamos a linha."

Demoraram um dia inteiro para fazerem o contorno da metade de baixo do mural, feito a olho. "Estamos todos habituados a trabalhar à vista. Em formato pequeno não é um problema", clarifica Mariana Duarte Santos. "Em formato grande, e quando não se tem a perceção da visão recuada, torna-se mais complicado. Mas foi uma boa experiência."

Pintaram de cima para baixo, para a tinta de cima não escorrer para o desenhado em baixo; trataram primeiro do fundo e depois das figuras em primeiro plano. "É uma pintura que não tem branco puro em lugar algum. Então, é uma pintura que parece velha desde o primeiro dia", explica Guga Liuzzi, co-autor da obra. "Houve muito cuidado com as cores para dar esses efeitos."

Mantiveram-se fiéis às cores da fotografia. "Um dos elementos que me interessou na foto foram as calças de plástico amarelas do homem, o que criava um contraste com os tons mais terra", considera Mariana. "A patine antiga da foto foi também algo que me atraiu."

FREGUESIA:
CAPINHA

Localização:
Intersecção da EN 345 com a EN 346

GPS:
Latitude 40.2010142
Longitude -7.3752222

António Rubino, Mariana Duarte Santos e Guga Liuzzi com a participação de Fred Aranha, Capinha, 2019. Capinha. Fotografia: Município do Fundão.

Conheci-o bem [o retratado]. Andava com uma junta de vacas, a lavrar. Está ali o nome das pessoas que fizeram o desenho dele.
Francisco Fernandes, 76 anos, reformado.

3

Carvalho da Honra

Autoria:
Joana Valadão

"Na assembleia, foi o presidente da junta quem contou a história", explica Joana Valadão. E dirigiram-se ao local onde se encontra o "carvalho da honra". "É uma árvore muito grande e, contava a lenda, chama-se carvalho da honra porque havia um fidalgo que ia lá encontrar-se com a empregada. Sempre com aquela perspetiva de que o fidalgo não prestava mas a empregada também não." E, por isso, a Joana Valadão interessou-lhe transformar um pouco a história, adaptar a lenda.

"Quis passar mais a ideia de proteção à empregada", defende a artista. "A empregada já está junto ao carvalho da honra, a apanhar lenha. O fidalgo aparece e tenta aproximar-se demasiado da empregada." À semelhança do príncipe que se transforma em sapo porque fez algo de errado, este fidalgo transforma-se me lagarto, numa possível alusão aos lagartos que podemos ver a trepar muros e troncos. "O carvalho ganha vida, dá uma chapada no fidalgo, o fidalgo transforma-se me lagarto e o carvalho tem a empregada protegida nos seus ramos."

A empregada está sentada no topo da árvore, sorridente, como se estivesse em cima de uma nuvem. Do sopé do mural feito neste posto de transformação (PT) da E-Redes, que se encontra numa rua discreta na aldeia, a Rua Ladeira do Pontão, irradiam ao lado do carvalho outras plantas, coloridas – vermelhas, amarelas, azuis. Na face do PT à direita da empregada empoleirada no carvalho, está o lagarto, azul, quase indistinto do resto da flora.

Uma obra que denotasse uma linguagem simples era algo que Joana Valadão queria assegurar. "As paredes já iam ser grandes, são suportes enormes. Não queria estar a arriscar a fazer coisas que podia não ser capaz de fazer. Optei por manter uma linguagem que me permitisse ter confiança suficiente para fazer obras e ficar satisfeita", explica. "Desta, fiquei com alguma pena. De início, era suposto apanhar as quatro faces do PT, mas, por causa da acessibilidade para os andaimes, ela acabou por encolher um bocadinho e limitou-se a duas faces."

As tintas já começaram a descamar, fazendo jus à passagem do tempo a que a arte de rua está sempre sujeita. Em algumas partes, já foi possível raspar cor para formar palavras – o nome de alguém que por ali passou e quis deixar a sua marca ou as iniciais do clube de futebol por que se é aficionado. Todas as intervenções acrescentam camadas de significação à obra.

"Tenho sempre um caderninho, onde ponho várias ideias. Começo por fazer um esboço até chegar a uma ideia que me satisfaz, em que desenho já em pormenor", conta Joana. "Tenho já várias ferramentas de trabalho. Na altura, usei *photoshop*." Para passar o desenho para a parede, via projeção, também nesta obra contou com a ajuda de outros dois artistas do Fund'Arte, Mariana Duarte Santos e Guga Liuzzi. "E depois, com um rolinho de pintar paredes, fizemos a marcação, os *outlines* do desenho. Isto foi feito durante a noite, para que a projeção se visse, e no dia seguinte, comecei a pintar."

FREGUESIA:
CAPINHA

Localização:
Rua Ladeira do Pontão

GPS:
Latitude 40.2015409
Longitude -7.3768647

Carvalho da Honra, Joana Valadão, Capinha, 2019. Capinha.

Tem atraído muita gente. Não há ninguém que passe e não tire fotografias. Precisamos é de mais.

Vítor Fernandes, presidente da Junta de Freguesia de Capinha.

4

Lendas e Tradições

Autoria:
Guga Liuzzi.
Com a participação de Fred Aranha

"Na assembleia, os moradores disseram que a terra tinha uma tradição de sapataria de 350 anos, mas, em 2014, o último sapateiro morreu. A tradição acabou de morrer", contextualiza Guga Liuzzi, referindo-se à reunião que teve com a população local para assimilar ideias de murais a fazer no contexto do Fund'Arte. Como a obra ia ser pintada na fachada lateral de uma escola de crianças, a Escola EB1 de Pêro Viseu, Guga quis retratar "a morte da tradição de forma lúdica". Fez um sapateiro em azul e o fundo fortemente colorido. As trepadeiras estão já a tomar conta tanto da mesa de trabalho como do corpo do próprio sapateiro. "É a natureza a transformar, a reciclar o que morre", explica este artista brasileiro a viver em Portugal. "Há um gato, que representa a quantidade de gatos que existem nesta localidade, e lagartos – que ficavam na pedra." Estes foram alguns dos apontamentos da história de Pêro Viseu que Guga usou para compor o quadro desta morte metafórica de uma profissão. Há também cestos de flores, casinhas, tratores, o céu alaranjado, muitas árvores e nuvens, um gato azul de costas, um sol que parece desfazer-se em cristais.

Por cima da cabeça do sapateiro, também ele azul, encontra-se um candeeiro em arco, a suster uma vela. Atrás, uma parede de madeira onde se encontram as muitas ferramentas necessárias à prática da profissão. Todos estes elementos juntos proporcionam um quadro de fábula, uma atmosfera onírica. O sapateiro, apesar de morto e de ter ar de filósofo da Grécia Antiga, encontra-se ainda a trabalhar, os músculos do corpo são robustos. Tem nas mãos um sapato que parece estar a terminar. Além de ter a pele azul, está nu; tem apenas uma tanga vestida.

As cores são muito intensas. "Por se tratar de uma escola de crianças e o edifício ter um estilo clássico, com uma moldura de pedra, achei que um desenho mais psicadélico iria ser muito mais interessante – para mim e para as crianças. Elas eram, entre aspas, as minhas principais clientes." São elas quem mais se vai defrontar com a pintura feita na fachada da escola.

O mural é pintado a *spray*. "As tintas de *spray* costumam ter cores mais fortes e, quanto mais força, impacto, visual, melhor. As crianças adoram. Queria que elas ficassem empolgadas." As cores são a sua maior paixão. "São o que eu mais gosto de estudar, no que mais gosto de mexer. Antes, usava cores extremamente fortes; hoje, já opto por tons mais parecidos, quase monocromáticos. É de facto o campo que mais gosto de pesquisar."

Guga diz não ter um traço identificativo da sua autoria: "troco de traço como quem troca de camisa". "Sempre mudei de género e traço a vida toda. Quem sabe haverá uma altura em que encontre um estilo para me agarrar durante um tempo."

A escola eleva os alunos.

Lendas e Tradições, Guga Liuzzi e Fred Aranha, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Miguel Proença (P.24) e Município do Fundão (P.25).

FREGUESIA:
PÊRO VISEU

Localização:
Rua Mestre Redondo

GPS:
Latitude 40.2076291
Longitude -7.4434227

É uma obra muito bem conseguida e uma boa homenagem àquilo que era uma tradição na terra. E fica na parede da escola, num dos largos mais importantes da freguesia.

Pedro Mesquita, presidente da Junta de Freguesia de Pêro Viseu.

5

Sem Título

Autoria:
Mariana Duarte Santos

A senhora parece ter um tacho na mão. "A ideia do projeto era também captar os costumes e vivências antigas", conta a autora desta obra, Mariana Duarte Santos. "Falou-se muito da cozinha", explica. "Escolhi uma foto do Artur Pastor que retrata a cozinha antiga desta zona, que tem o panelão, tem o tacho", diz, referindo-se a um dos grandes nomes da fotografia do século XX em Portugal. "Tem a velhota a olhar para baixo, a descascar batatas ou a fazer outra coisa parecida."

Um mural que ocupa as quatro faces do posto de transformação (PT) da E-Redes, dando-lhe uma dimensão caleidoscópica – não sabemos quando começa nem quando acaba –, esta obra sem título mostra os pratos dispostos nos móveis, mostra os potes grandes de ferro. "Mostra um bocadinho a pobreza que havia, principalmente nas zonas rurais nessa altura. E a vida que se fazia com pouco", conta. "Era engraçado porque, mesmo não sendo uma foto da aldeia, as pessoas passavam e diziam: «lembro-me de a minha mãe ter uma panela assim», «lembro-me da minha avó que fazia sopa e ficava a cozinhar o dia inteiro com o panelão na fogueira»."

O estilo de Mariana Duarte Santos é figurativo, realista, muitas vezes a preto e branco, como é o caso desta obra. As rugas encontramo-las aqui mais nos tecidos que compõem as roupas desta idosa do que propriamente na sua pele. "Gosto de trabalhar sobre as memórias do local, sobre coisas com as quais as

pessoas se identificam. A identidade está sempre ligada às memórias pessoais de cada um, com o passado – com aquilo que os nossos pais ou os nossos avós faziam."

Mariana Duarte Santos acha importante conseguir capturar um pouco da memória coletiva do local para onde está a trabalhar. Esta artista está a pensar não apenas nas gerações de agora mas também nas futuras. Neste caso, achou igualmente interessante retratar num Posto e Transformação uma cozinha que não teria eletricidade. "A senhora está a cozinhar com uma fogueira. E a eletricidade levou mais tempo a chegar às zonas mais rurais", acrescenta. Do topo do PT vemos vários cabos a saírem de um recorte retangular e numa das arestas a unir duas paredes está um candeeiro que, ao invés de iluminar a rua do Outeiro, onde este PT fica situado, parece ser o candeeiro da cozinha. É um pouco mais pequeno que a senhora, de lenço na cabeça e com o que parece ser uma tigela no regaço. Por isso, poderia ser um candeeiro de parede. "Achei importante fazer essa ponte entre o passado e o presente. E fazer também o jogo de a imagem dar a volta às quatro paredes, o que foi bastante complicado em termos de perspetivas e de ilusões de ótica."

Mariana teve de inventar uma série de perspetivas diferentes e fazer meias distorções em vez de distorções totais para que o desenho pudesse funcionar a partir de todos os ângulos. "Foi uma peça que teve alguns desafios que gostei de resolver e fiquei contente com o resultado."

FREGUESIA:
PÊRO VISEU

Localização:
Rua do Outeiro

GPS:
Latitude 40.2054549
Longitude -7.4434009

S/ Título, Mariana Duarte Santos, Pêro Viseu, 2021. Fotografia: Tiago Moura.

Gostei imenso, está muito real. Está a preto e branco, faz um vistão.
Benvinda Maria Belarmina Neto, 69 anos, reformada

6

Sem Título

Autoria:
Mariana Duarte Santos

"Pedem-me sempre títulos. Mas as imagens falam por si. Não faz sentido eu dar títulos", defende Mariana Duarte Santos. À semelhança da obra em Pêro Viseu, também esta obra na fachada lateral da Escola Básica de Alcaria não tem um nome atribuído. É igualmente a preto e branco e é igualmente baseada numa fotografia de Artur Pastor, o fotógrafo português que no século XX passou a vida a fotografar a ruralidade portuguesa, sendo da sua autoria aquele que é hoje considerado um dos maiores acervos fotográficos do tema. Dele dizem que captou com a sua câmara não apenas a alma, mas também a poesia daquelas gentes e daqueles lugares.

Mariana Duarte Santos pediu a autorização para utilizar ambas as fotos nos dois murais. "Tenho direitos de reprodução das imagens", esclarece. "Claro que não estão 100% iguais. Houve sempre algumas pequenas mudanças que tive de fazer." Mariana explica que trabalha sempre a partir de fotografias. "Houve pessoas – tanto numa como noutra aldeia – que se identificaram bastante com as fotografias."

Um dos temas mais falados nas assembleias foi a vida rural. Sendo o local da obra, em Alcaria, uma escola primária, fazia sentido para Mariana escolher uma foto que juntasse a vida rural à infância, retratando uma mulher do campo a segurar ao colo uma criança. "É uma fotografia que acho muito bonita, representa bastante bem o que era viver no campo e tra-

balhar de sol a sol." Aqui, as marcas do tempo e das adversidades estão bem representadas, através das muitas rugas que a mulher tem na cara e nas mãos – umas mãos assertivas, de trabalhadora, e que seguram com segurança o bebé ao colo. Tanto ela como a criança olham algures para o horizonte, lá longe, para fora de quadro, encadeados pelo brilho do sol. É Verão.

"Só se vê o céu. E a proteção da mãe para com o filho", explica Mariana. "E, sendo uma escola, é o que o professor também faz: proteger os miúdos e ajudá-los a crescer. Por isso, achei que fazia sentido – tanto para a parede como para a aldeia."

Mariana pintou o mural também no Verão, de sexta a segunda. Mas ainda interagiu com as crianças da escola porque havia campos de férias organizados pela escola. "Estavam intrigadas, viram a obra ainda no início. Uma até me disse «nunca vi uma cabeça de um bebé tão grande»." Enquanto pintava, os miúdos ficavam a vê-la, intrigados e a fazer perguntas. "No fim, diziam: «'tá top! 'Tá top!»."

Tal como na obra Pêro Viseu, a técnica que utilizou para transpor a fotografia para a parede foi a da grelha. "Faço uma grelha, tiro uma fotografia, sobreponho a imagem transparente e consigo perceber onde estão as coisas", explica, referindo-se ao esboço na parede. Depois, para a parte da pintura, tem uma bandeja branca e uma bandeja preta, onde faz as diferentes misturas para obter os diferentes tons de cinzento.

FREGUESIA:
ALCARIA

Localização:
EB1, Sítio da Cabecinha

GPS:
Latitude 40.2018449
Longitude -7.5185148

S/ Título, Mariana Duarte Santos, Alcaria, 2021. Fotografia: Murilo Santos.

Está fantástica. A ideia, os traços, o que está representado – é muito genuíno.
Helena Lindeza, 54 anos, professora.

7

Futuro

- Tempo - Pausa - Ponto - Amor - Pensamento - Corpo - Imaginação

Autoria:
Catarina Real

"O mais importante nesta tarefa é: pensar", disse a professora da Escola Básica de Alcaria aos seus alunos, de livro na mão. A turma é composta por alunos de diferentes anos e, naquela manhã de início de março de 2022, foi dado a cada um uma cópia do livro da autoria de Catarina Real, pelo presidente da Junta de Freguesia de Alcaria, Hélder Santos. "O futuro é o que vai acontecer amanhã", diz uma das crianças. A professora puxa por eles: "o futuro é certo?" Eles respondem: "não".

Palavras como "futuro", "pensamento" ou "amor" estão representadas graficamente muito para além da mera grafia. Cada letra é um desenho. "Eu estava a trabalhar numa prática, os 'desenhos concentrados', que vem de uma linha de desenhos chamada 'os desenhos desatentos'", contextualiza Catarina Real. "Com a pandemia, as minhas linhas de pensamento ficaram todas cortadas. E comecei a fazer desenhos enquanto via séries de crime, que, por alguma razão me acalmavam. Têm uma estrutura circular em que tudo fica resolvido."

Quando o confinamento acabou, começou a gostar dos desenhos. Quis continuar e já não conseguia – a sua atenção tinha mudado, quando as pessoas recomeçaram a encontrar-se. "Passei a fazer um outro tipo de desenho que lidava igualmente com o processo de atenção e desatenção, mas de outra forma", explica. "Passei a fazer desenhos enquanto ouvia coisas a que queria estar realmente atenta: aulas, podcasts, documentários. Os desenhos funcionavam como resumo visual do que estava a ouvir." E achou que este tipo de desenhos se adequava ao projecto do Fund'Arte.

Catarina Real organizou uma sessão com os alunos da Escola Básica de Alcaria. "Comecei com oito palavras, vindas de uma estratégia de desbloqueio e que advém de práticas coreográficas. São os oito tempos aplicados às oito palavras." As palavras são as que dão título ao livro: futuro, tempo, pausa, ponto, amor, pensamento, corpo, imaginação. As crianças foram questionadas quanto à possibilidade de futuro – nomeadamente em Alcaria. As respostas foram gravadas e o áudio funcionou como *input* para o exercício de desenho concentrado a que Catarina se propôs fazer. E foi surpreendida com as respostas: houve, por exemplo, uma criança que falou em "magia biónica", outra que falava do avô com admiração. "Uma coisa que também achei curiosa foi aparecer a palavra instinto", diz Catarina. "Quando falavam do amor, apareceu a palavra "instinto" associada e, também, "intuição" – que é uma palavra muito querida para mim."

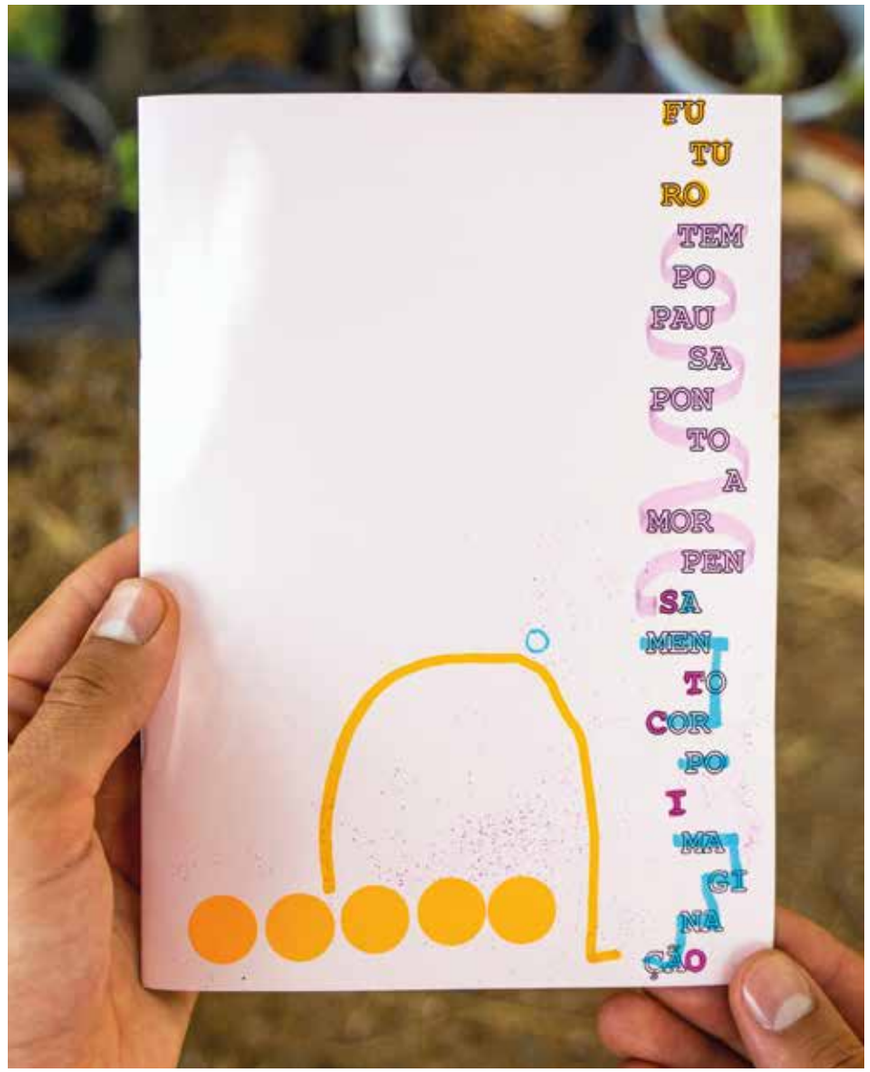
Inicialmente, o objetivo era o exercício resultar num mural, que acabou por não ser feito. "Decidi transformar o exercício num objeto que permitisse que estas ideias voltassem a estas crianças, para que as ativem. O livro final é quando está já colorido."

O livro original, feito manualmente por Catarina Real, encontra-se exposto para consulta pública no edifício da junta de freguesia, na Av. Dona Maria de Lurdes Silva Lino Sousa, onde funciona também o centro de dia, o posto médico, o salão de festas e a biblioteca.

FREGUESIA:
ALCARIA

Localização:
Av. Dona Maria de Lurdes Silva Lino Sousa

GPS:
Latitude 40.2004516
Longitude -7.5194077



Futuro - Tempo - Pausa - Ponto - Amor - Pensamento - Corpo - Imaginação, Catarina Real, Alcaria, 2021. Fotografia: Murilo Santos.

Desde a primeira hora, acatámos com entusiasmo este projecto do Fund'Arte, porque traz novos visitantes, novas ideias, para a nossa freguesia.
Hélder Santos, presidente da junta de freguesia de Alcaria.

Arte Pública fundação edp

Roteiro BEIRA BAIXA
Projeto FUND'ARTE

Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda

Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos e Matilde Braga

Comunicação Arte Pública fundação edp:
Elisabete Sá

Textos:
Cláudia Marques Santos

Fotografia:
Rute Ferraz

Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona

Revisão de texto:
Joana Ambulate

Edição:
fundação edp
Lisboa, março de 2023

Impressão e acabamento:
Indústria Portuguesa
de Tipografia, Lisboa

Nº Depósito legal: 512880/23
ISBN: 978-989-53696-9-0

Com o apoio:

E-REDES

Agradecimentos:

À Junta de Freguesia de Alcaria, na pessoa de Hélder Santos.
À Junta de Freguesia de Pêro Viseu, na pessoa de Pedro Mesquita.
À Junta de Freguesia de Capinha, na pessoa de Vítor Fernandes.
À Junta da União de Freguesias de e Mata da Rainha, na pessoa de José Silva.
Aos alunos e alunas da Escola Básica do 1º Ciclo de Pêro Viseu.
Aos alunos e alunas da Escola Básica do 1º Ciclo de Alcaria.
A todos os técnicos da E-Redes.
Um especial agradecimento a todos os/as participantes nas assembleias comunitárias e a todos e todas que apoiaram os artistas durante a execução das suas obras.
À Mariana Santos, à Joana Valadão, à Catarina Real, ao Guga Liuzzi e ao Fred Aranha pela determinação, ousadia e arte.

edp
Fundação

"Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas."

Miguel Coutinho
Diretor-geral e administrador executivo da **fundação edp**

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os--Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

ARTE PÚBLICA • fundação edp